



Calling All The Queens! Visibilidades de gênero no programa de TV RuPaul's Drag Race¹

Joseylson Fagner dos SANTOS²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN

Resumo:

O presente artigo se propõe a discutir a visibilidade de indivíduos e identidades drag queen a partir da veiculação de *RuPaul's Drag Race*, programa de televisão transmitido em canal por assinatura no território norte-americano. O texto faz parte de um estudo preliminar a respeito das aproximações culturais entre a cena estadunidense e a brasileira, pela qual circulam referências sobre personagens e experiências drag queen. Para tanto, faz uma análise qualitativa de duas temporadas (2013 e 2014) do programa e suas principais articulações sobre as questões de gênero e identidade sexual que fundamentam a posterior análise e discussão de outros experimentos no Brasil. A reflexão iniciada aqui é pautada pela reflexão sobre como as referências apresentadas no programa permitem articular elementos como a visibilidade social dessas personagens na cena LGBT, e a articulação de questões de gênero e das sexualidades na difusão em meios de comunicação de massa.

Palavras-chave: drag queen; papéis de gênero; comunicação de massa; televisão; *RuPaul's Drag Race*.

INTRODUÇÃO

*Who do you think you are?
I'm telling the truth now
We're all born naked
And the rest is drag*
— RuPaul

Presença irreverente e icônica na cena LGBT norte-americana desde a metade dos anos 1980, a figura andrógina de RuPaul Andre Charles – que posteriormente ficou conhecida apenas por RuPaul – tornou-se um fenômeno de mídia após surgir como drag queen³ nos meios de comunicação de massa dos Estados Unidos como ator, cantor e diretor numa variedade de filmes, programas de rádio e de TV, propagandas, eventos sociais e casas noturnas, além dos videoclipes musicais para promover álbuns gravados como cantora. Ganhou notoriedade ao estrelar campanhas publicitárias, consagrada como “*supermodel*”, título do primeiro álbum de sucesso musical: *Supermodel of The World* (1993). Numa sociedade marcada pelo racismo e pela discriminação contra a população gay, RuPaul Charles é negro, homossexual assumido, impulsionou o imaginário estético e subculturas drag queen, e acumula, na trajetória profissional, direção e atuação em produções cinematográficas, na televisão e no rádio, gravação de discos e parcerias musicais, coordenação de campanhas sociais e engajamento

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 02 a 07 de julho de 2015.

² Mestre em Antropologia Social; bacharel em Comunicação Social, com habilitações em Radialismo e em Jornalismo. Professor substituto no Departamento de Comunicação Social da UERN. E-mail: jofagner@gmail.com.

³ Opto, aqui, por utilizar a grafia sem formatação em itálico para o termo “drag queen” por acreditar que essa palavra já se encontra incorporada ao vocabulário brasileiro. Designa um personagem que, mesmo tendo sua origem no contexto social e cultural norte-americano, estabeleceu-se na cultura brasileira e adquiriu características próprias, presentes na aparência, no estilo profissional, e nos diversos cenários em que atuam no país, de acordo com elementos nacionais (SANTOS, 2012).



político com bandeiras da causa LGBT. Desde 2009 apresenta o seu próprio reality show, o *RuPaul's Drag Race*, exibido na TV por assinatura dos Estados Unidos, e assina uma variedade de linhas de produtos, como cosméticos, livros e roupas.

Um dos primeiros estudos nas ciências sociais a relatar o cenário artístico e profissional das drag queens foi a etnografia de Newton (1979), que apresenta uma abordagem sobre os palcos e bastidores frequentados por personagens que se identificam como *female impersonators*. Segundo a autora, elas representam o estigma vivido pelos homossexuais, e se profissionalizam em habilidades cênicas para a imitação de personalidades femininas, famosas na música e na televisão, e o fazem para entreter o segmento de audiência formado por gays, lésbicas, travestis, outras identidades de gênero e orientações sexuais vistas como desviantes do modelo heterossexual. Newton realizou sua pesquisa em casas noturnas e eventos públicos, caracterizando esses espaços como áreas de atuação específicas das drags.

No contexto brasileiro, Trevisan (2007) observa que começou a se reconhecer a figura da drag queen no final dos anos 1990, embora o país já conhecesse a figura do ator transformista, herança cultural das travestis que se apresentavam no teatro de revista. O então “novo” modelo de comportamento e de estética surgiu e passou a estar presente nas boates gays e na mídia. Em pesquisa anterior (SANTOS, 2012), observou-se que o acontecimento das drag queens na cena LGBT brasileira emergiu como uma ponte entre a militância e o mercado, entre o global e o local, provocando um intercâmbio de símbolos e aspectos de identidade cultural, como também um diálogo entre as estruturas tradicionais e as importadas da realidade norte-americana. Contempla-se, então, o personagem drag queen como um elemento não típico da cultura brasileira, mas que finda se incorporando a ela a partir da aproximação com outros elementos, como a caipira, a travesti, a Miss, e tantas outras representações.

No entanto, ao projetar a imagem da drag queen nos meios de comunicação de massa, como na imprensa, na radiodifusão, no cinema ou em outros meios, o tratamento às vezes atribuído pode ocultar diferenças e reproduzir ambiguidades ou estigmas direcionados a pessoas que se identificam com determinada classe social ou profissional. Foi o que aconteceu com o cantor austríaco Thomas Neuwirth, que ficou conhecido através de sua persona drag Conchita Wurst, vencedora do Festival Eurovision da Canção em 2014. Muitos veículos de comunicação, na época, apresentaram Conchita como “travesti de barba” ou “travesti barbada”, e a repercussão do episódio gerou confusão a respeito do que vinha a ser “travesti”, “transformista”, “drag queen” ou mesmo outra classificação identitária em diversos cenários sociais e culturais.

Conforme aponta Vencato (2003), ao refletir acerca de uma espécie de “invisibilidade” das drags que se faz presente na confusão com outras formas de transformação de gênero, a confusão é problemática, pois “quando diferenças importantes que separam cada uma dessas categorias acabam esquecidas, geralmente associando a esses sujeitos ‘marginais’ uma carga de julgamento moral que os estigmatiza e, em certo sentido, justifica preconceitos” (p. 190). Nesse sentido, o pensamento da autora reforça a necessidade de compreender os aspectos diferenciadores e hierárquicos dentro e fora

das sociabilidades LGBT, a fim de evitar a difusão de estereótipos e a atribuição de cargas negativas a indivíduos específicos num contexto mais geral.

Tal raciocínio se estabelece no corpo do presente artigo, que tem como proposta desenvolver a reflexão sobre como se articulam significados e identidades a respeito da experiência drag queen nas diferentes visualidades que compõem meios de comunicação de massa, tomando como ponto de partida o programa *RuPaul's Drag Race*, transmitido pelo canal de televisão norte-americano LogoTV. Embora veiculado no sistema de radiodifusão estadunidense, a produção que é idealizada e apresentada por RuPaul chegou a ser retransmitida em um canal por assinatura na TV brasileira, e tem inspirado fãs e produtores na criação de conteúdos para a internet. Diante dessa influência, capaz de gerar ciclos de produção e de consumo de imagens relacionadas às subculturas urbanas das drag queens nacionais e estrangeiras, a discussão que segue trata, em nível exploratório e em fase preliminar, da visibilidade social construída na projeção das personagens pelo programa.

Para tanto, procedeu-se com um trabalho de análise qualitativa de conteúdo, em especial de duas temporadas do programa: a quarta (2012) e a sexta (2014). O recorte foi estabelecido levando em consideração a linha de intervalo entre as duas, aspecto que pode influenciar na definição da estrutura e das técnicas de produção, bem como para observar as características entre as vencedoras de cada temporada. Na análise das edições, foram considerados: o perfil das participantes, o perfil do corpo jurado, a estrutura narrativa do programa, as locações que ambientam a produção e os tipos de prova pelas quais são submetidas as drag queens.

O REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS SOBRE DRAG QUEENS

Em uma definição genérica, a drag queen é compreendida como sendo o homossexual masculino que produz uma imagem feminina a partir da vestimenta e se apresenta em performances artísticas para o público gay, sem que isso represente o seu desejo em tornar-se mulher ou ter um corpo feminino (TAYLOR & RUPP, 2004). Nessa concepção, incluem-se também características como a apropriação exagerada de signos associados aos papéis de gênero: masculino e feminino tornam-se híbridos para fundar a nova aparência, de nome próprio, vocabulário e expressão corporal que lhes são particulares. Ao localizar a experiência drag queen nesses termos, arrisca-se demarcar o significado dessa transformação em atributos únicos, constituindo essência da qual se excluíam outras possibilidades de experimentar o mesmo referencial estético ou classificação identitária.

Conforme explanado em pesquisa anterior (SANTOS, 2012), existe uma aura que completa a carga de significados sobre a possibilidade de “fazer drag”. Não se trata, pois, de uma delimitação essencialmente territorial, no que concerne às sociabilidades e regiões de atuação LGBT, nem de estabelecer uma linha divisória entre espumas, silicone e hormônios para designar os enchimentos pelos quais se alcança um ideal estético feminino. A experiência de viver uma persona drag está relacionada tanto a finalidades artísticas, lúdicas e profissionais quanto ao prazer subjetivo, desde que se tenha consciência de que é uma imagem ou personagem drag que está sendo incorporado. Do

mesmo modo, sua presença e potencialidade de atuação não se restringem apenas ao circuito das boates e eventos destinados ao público LGBT, mas aos demais espaços nas mídias e acontecimentos sociais e culturais.

Acerca dos indivíduos que se transformam como drags, em Butler (2003, p. 196, grifos da autora), a estilização praticada é entendida a partir de uma relação complexa:

A performance do drag brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado. Mas estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero. Se a anatomia do performista já é distinta do seu gênero, e se os dois se distinguem do gênero da performance, então a performance sugere uma dissonância não só entre gênero e performance, mas entre sexo e gênero, e entre gênero e performance. [...] Ao imitar o gênero, o drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência. Aliás, parte do prazer, da vertigem da performance, está no reconhecimento da contingência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias.

Para a autora, a própria noção de gênero é percebida não como algo essencial, inerente ao corpo sexuado, ao sexo anatômico, portanto naturalizada, mas se concebe como algo fabricado e sustentado no interior dos discursos sobre o que vem a ser “homem” ou “mulher” na imagem cultural de determinada sociedade, repetidos através de uma série de atos, gestos e atuações performativas, marcadas. É assim que se estabelecem os significados a respeito dos jogos, das roupas, da linguagem gestual e da expressão corporal, das diversas estruturas que são imitadas no dia-a-dia a fim de produzir aparências femininas e/ou masculinas. Sendo assim, o que faz a drag ao simular do gênero oposto na linguagem do artifício é promover a ideia do quão artificial é mesmo o gênero, capaz de ser inventado, revisitado e reelaborado na apropriação de próteses, indumentárias e pela reprodução de gestos, posturas e outras formas de manifestação corporal.

Nos meios de comunicação social localizam-se diversas referências estéticas, culturais e ideológicas que projetam significados a respeito das drag queens. Numa variedade de filmes, músicas, programas de televisão, fotografias e outras linguagens, constantemente surgem sentidos sobre tais personagens, que negociam todo o tempo com definições regionais, cronológicas, sociais, e outros marcadores que desconstróem a ilusão da universalidade sobre as identidades culturais. As mais difundidas encontram-se na indústria cinematográfica, em filmes que circulam mundialmente em salas de cinema, canais de TV ou pela internet, e ampliam o contato com esses significados.

Duas obras são conhecidas como as principais referências na temática das drag queens: em *Priscilla, a Rainha do Deserto* (1994), três amigos atravessam um deserto numa viagem de ônibus para realizar shows e resolver conflitos pessoais, interpretados pelos atores Terence Stamp (Bernadette/Ralph), Hugo Weaving (Mitzi/Anthony) e Guy Pearce (Felicia/Adam). Já em *Para Wong Foo, Obrigado por Tudo! Julie Newmar* (1995) é mostrada a trajetória de três drag queens que vencem uma competição e se qualificam para um concurso em Hollywood, seguindo numa viagem a bordo de um Cadillac conversível, interpretadas pelos atores John Leguizamo (Chi Chi), Patrick

Swayze (Vida) e Wesley Snipes (Noxeema). Os dois filmes até aqui se aproximam do que Louro (2008) analisa, ao retratar o tratamento empregado às travessias e trânsitos dos gêneros e das sexualidades no cinema, a associação do estilo *road-movie* (filmes de estrada) à ideia de passagem, deslocamento, nomadismo, de “espaço de fronteira, assumindo riscos e prazeres para desafiar as normas sociais” (p. 93). Na reflexão apresentada pela autora, “a estrada nunca é meramente cenário, e sim integra a trama. São viagens sempre pontuadas por obstáculos, provas, encontros, transtornos que, conseqüentemente, devem transformar ou afetar os/as viajantes” (LOURO, 2008, p. 93).

Em outras produções, a travestimenta é abordada apenas sob a lógica do disfarce, quando personagens masculinos assumem roupas e identidades femininas para obter vantagens ou posições de sujeito em situações específicas, como é o caso de *Tootsie* (1982), em que Dustin Hoffman atua na pele de Michael Dorsey, ator que se veste como Dorothy Michaels para disputar um papel feminino em uma telenovela, e de *Uma Babá Quase Perfeita* (1993), em que Robin Williams é Daniel Hillard, que ao se separar da mulher se vestir e se comporta como a babá Euphegenia Doubtfire com a intenção de participar mais da vida de sua família sem ser notado. Já no longa metragem *The Birdcage – A Gaiola das Loucas* (1996), o mesmo ator interpreta o personagem Armand Goldman, proprietário de uma casa noturna de espetáculos de drag queen e é casado com Albert, personagem de Nathan Lane, que se apresenta no local como a vedete Starina.

Num contexto alternativo de produções, o longa metragem *Pink Flamingos* (1972) destaca-se como obra do circuito *underground* que traz no papel principal a lendária drag queen Divine, cuja personagem homônima é ambientada em uma família caracterizada por comportamentos excêntricos, numa história de competição pelo título de pessoas mais sórdidas de todo o mundo. O filme despertou polêmicas pelas cenas consideradas escatológicas e controversas, que desafiam padrões do cinema hollywoodiano e os valores morais da sociedade norte-americana, como a sequência em que Divine se alimenta de fezes de cachorro, e outra em que o personagem que representa o seu filho tem relações sexuais com galinhas, matando as aves após o ato. Devido ao teor subversivo contido nas sequências, a produção ficou consagrada como ícone do cinema bizarro.

Gêneros e sexualidades formam um atributo narrativo marcante na filmografia do diretor espanhol Pedro Almodóvar, caracterizadas pela ambiguidade e pela fluidez, seja pela estética ou no perfil das personagens. Em *De Salto Alto* (1991) o enredo dá tratamento ao personagem juiz Domínguez, que em noites de cabaret incorpora a transformista Femme Letal para imitar a famosa cantora Becky del Páramo, mãe da protagonista Rebeca. Vivido pelo ator Miguel Bosé, o mesmo juiz fica encarregado pela investigação de um assassinato que ocorre durante uma de suas noites de apresentação, tornando-se presente em grande parte das cenas do filme, e mudando sua aparência de acordo com o ambiente/tempo em que se desenvolve a ação: uma hora como juiz, outra como transformista. Já em outro filme de Almodóvar, *Má Educação* (2004), o ator Gael García Bernal interpreta Juan/Ángel que, obcecado pela história do falecido irmão Ignacio, assume o seu lugar para conseguir papel em um filme, e intercala cenas em que aparece travestido como Zahara.

No contexto dos documentários, um dos maiores destaque é *Paris Is Burning* (1990), que resgata a cena da “*ball culture*” norte-americana, em que comunidades urbanas de homossexuais e transgêneros participavam e organizavam eventos misturando competições de desfiles de moda e de dança. Já *Wigstock* (1995) mostra o registro do festival de drag queens homônimo ao filme, retratando todo o processo de organização, os ensaios, as apresentações, e entrevistas com drags que falam a respeito de suas formas de expressão e de extravagância. O documentário mais recente, *Pageant* (2008), aborda os bastidores do concurso de beleza *Miss Gay America*, e mostra os conflitos e dramas pessoais e profissionais das candidatas que concorrem ao título.

No cinema brasileiro, podemos destacar duas produções: *Madame Satã* (2008), que retrata o recorte biográfico da transformista Madame Satã, ícone da malandragem e da cultura urbana na Lapa, Rio de Janeiro, interpretada pelo ator Lázaro Ramos, e o filme *Elvis & Madona* (2010), que traz o casal vivido pelo ator Igor Cotrim e pela atriz Simone Spoladore, numa história em que ele atua como a travesti Madona, cabeleireira que sonha fazer shows no teatro de revista, e ela atua no papel de uma lésbica masculinizada, tornando-se grandes amigas e compartilhando aventuras ao longo da narrativa.

O PROGRAMA RUPAUL'S DRAG RACE

Produzido pela *World of Wonder*, o programa *RuPaul's Drag Race* é transmitido via sistema de televisão por assinatura, veiculado no canal norte-americano Logo TV⁴. Idealizado e apresentado por RuPaul, a produção narra a competição entre drag queens que se submetem a desafios semanais para conquistar a coroa e o título de “*American's Next Drag Superstar*” (A Próxima Drag Superstar da América). Os desafios se subdividem de acordo com o tempo e o nível de dificuldade das atividades, sendo os *mini challenges* as provas mais simples, que exigem menor preparação ou nenhuma, dando-se de forma mais espontânea e ágil, possibilitando à vencedora alguma forma de vantagem sobre o próximo desafio, e o *main challenge* a prova principal de cada episódio, em que as competidoras dispõem de maior prazo para cumprir as tarefas que são passadas por RuPaul, e apresentar os resultados à avaliação dos jurados e convidados de cada episódio. Nessa “corrida”, a apresentadora busca por qualidades e habilidades que são definidas por meio do acrônimo C.U.N.T., ou “*charisma* (carisma), *uniqueness* (singularidade), *nerve* (energia), *and talento* (talento)”. Além do prestígio, que amplia a projeção das participantes no mercado e nas mídias, a vencedora ainda ganha prêmio em dinheiro, suplementos de cosméticos e outras cortesias que são oferecidas durante episódios no programa.

Lançado no ano de 2009, o programa de entretenimento se define como um contínuo entre os formatos *talent show* e *reality show*. O primeiro por se tratar de um show em que as competidoras concorrem entre si em provas de habilidades cênicas, tais como criação, produção e desfile de roupas, interpretação, dublagem de músicas, imitação de celebridades, e habilidades técnicas relacionadas à

⁴ Logo TV é um canal de televisão por assinatura norte-americano com programação segmentada, que tem como foco o público formado pela comunidade LGBT. Pertencente ao conglomerado de mídias Viacom, o canal foi fundado pelo executivo Matt Farber e lançado em junho de 2005.

“montação⁵”, conforme mostrados nos quadros 3 e 4, para testar habilidades cênicas, desde a maquiagem até os diferentes processos e graus de disfarce das formas masculinas e ilusão da aparência feminina. O segundo é visualizado no tratamento dado aos relatos de histórias e cotidiano das personagens, que contemplam tanto as realidades internas quanto externas ao percurso da atração.

Daems (2014) descreve a concepção de *Drag Race* como inspiração ou paródia em outros shows da TV norte-americana – como o *Project Runway* e o *The Oprah Winfrey Show* – e que expõe as variadas figuras de drag queens para audiências mais amplas, embora seja transmitido em um canal por assinatura segmentado à audiência formada predominantemente por pessoas LGBTs. Ainda no discurso acerca das funções sociais que o programa cumpre, Daems menciona que a aproximação com outros formatos de atrações televisiva explora potencialidades narrativas que humanizam a drag queen para além da abordagem exótica, revelando suas emoções, vulnerabilidades e intimidades, e desse modo trazendo a sua referência para outros contextos além das comunidades LGBT. Nesse contexto, a atração da Logo TV é tida como uma espécie de auto representação que contrasta com estereótipos reforçados em um longo período histórico, que de certo modo são elaborados na cultura popular de forma negativa.

Quadro 1 – Lista de episódios, competidoras e prêmios nas temporadas transmitidas de *RuPaul’s Drag Race*.

Ano	Temporada	Ep.	Com.	Prêmio*	Transmissão**	Miss Congeniality	Vencedora
2009	<i>Season 1</i>	09	09	\$ 20.000	02 fev. – 23 mar.	Nina Flowers	Bebe Zahara Benet
2010	<i>Season 2</i>	12	12	\$ 25.000	01 fev. – 25 abr.	Pandora Boxx	Tyra Sanchez
2011	<i>Season 3</i>	16	13	\$ 75.000	24 jan. – 02 maio	Yara Sofia	Raja
2012	<i>Season 4</i>	14	13	\$ 100.000	30 jan. – 30 abr.	Latrice Royale	Sharon Needles
2012	<i>All Stars Season</i>	06	12	\$ 100.000	22 out. – 26 nov.	Não houve	Chad Michaels
2013	<i>Season 5</i>	14	14	\$ 100.000	28 jan. – 06 maio	Ivy Winters	Jinkx Monsoon
2014	<i>Season 6</i>	14	14	\$ 100.000	24 fev. – 29 maio	BenDeLaCreme	Bianca Del Rio
2015	<i>Season 7</i>	14	14	\$ 100.000	02 mar. – 01 jun.	Katya	Anúncio em 01/06

Fonte: compilação do autor. *Valores em dólar. **Data de transmissão original no canal LogoTV.

Além da vencedora, outro título atribuído à competidora em cada temporada é o de *Miss Congeniality*, traduzido como uma espécie de “Miss Simpatia”, recebido pela participante com destaque nos desafios e de carisma junto ao público espectador. A menção é feita após consulta de popularidade através das contas nas redes sociais online do programa ou pelo site da Logo TV. É anunciado durante a final de cada edição. No ano de 2012, após a exibição da quarta temporada, a Logo TV exibiu uma edição especial, denominada *All Stars Season*, da qual participaram: as eleitas *Miss Congeniality* de cada edição já exibida, as participantes que alcançaram a segunda e/ou terceira posição na final das temporadas, competidoras que obtiveram carisma e/ou popularidade em votação aberta na internet através da página oficial do programa.

Para Edgar (2011, p. 138), compreender o programa desafia as audiências em seus saberes e informações acerca do que se visualiza não somente como masculino e como feminino, mas também do que se articula a respeito da categoria drag:

⁵ “Montação” é um termo brasileiro para se referir ao processo de construção da persona drag, incluindo recursos plásticos – maquiagem, vestuário, próteses, perucas e outros adereços – e de teatralidade – a encenação de um personagem, com nome, expressão vocal e corporal que lhes são próprias (SANTOS, 2012).

Drag Race ilustra que drag é muito mais do que um homem usar um vestido de mulher. Em vez disso, vemos uma constelação de performances femininas que nos ajuda a entender melhor a natureza construída dos gêneros. No show, o objetivo não é para que homens aperfeiçoem uma aparência feminina; pelo contrário, implica o sucesso no emprego de uma variedade de atos ou qualidades que podem ilustrar a feminilidade⁶.

O pensamento elaborado pela autora contempla a estratégia de RuPaul em trazer para a competição, a cada edição, diferentes estilos profissionais, referências estéticas e representações de identidade desses performistas. Encontramos nas temporadas de *Drag Race* a mistura e combinação de tipos de drag, que se diferenciam umas das outras pelas características e pesos corporais, étnicas, de geração ou de experiência profissional. Desse modo, não é possível estabelecer qualidades únicas à vencedora buscada pela apresentadora no decorrer do programa, mas que na experiência em TV, a individualidade das competidoras é mantida, e a diversidade de referências estéticas e de talentos é uma das forças que impulsionam a harmonia enquanto produto de entretenimento. Na variedade dos desafios, é a soma das particularidades e diferentes competências das participantes que conduzem a narrativa do programa, seja na consolidação dos espetáculos cênicos e musicais, ou das histórias e conflitos gerados entre as candidatas.

Há, além da opção pela diferença marcante entre as competidoras, um esforço político na exploração do multiculturalismo como principal ingrediente do programa. Em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, RuPaul (2013) legitima assume a postura das drag queens como um ato político:

as drags usam uma máscara de alegria, assim como todas as pessoas. As “queens” causam medo por mostrarem que, em geral, todos usam uma capa. Elas lembram que as pessoas são muito mais do que acham que é e isso se torna uma ameaça para toda a sociedade. [...] As pessoas se misturavam antigamente. Pretos, brancos, gays, héteros, bis, drags, todos iam aos mesmos lugares. Hoje é tudo polarizado e parece haver um lugar para cada tipo de gente. No seu país [Brasil], gosto que as pessoas se permitam misturar.

Os trânsitos e passagens entre masculino, feminino e drag são incorporados à narrativa do programa através dos elementos cênicos. As locações de gravação em RuPaul não constituem meros cenários em que se passam as gravações, mas a exemplo do que comenta Louro (2008) sobre os filmes em *road-movie*, elas se integram à trama. Em *Drag Race* temos: a *workroom*, espécie de atelier ambientado com máquinas de costura, manequins, espelhos e diferentes tipos de armários, onde as drags executam tarefas relacionadas ao *main challenge*, como a produção dos figurinos, a preparação e ensaio individual ou em equipes, e onde também RuPaul as visita para acompanhar todo esse processo; a *runway*, passarela no estúdio principal, por onde as drags desfilam suas produções e apresentam os números elaborados para apresentação e arguição com os jurados; o *Interior Ilusions Lounge*, onde elas aguardam a decisão de RuPaul sobre o *main challenge*, o anúncio das melhores e piores da semana, e onde também ensaiam para o *Lip Sync for Your Life*, dublagem que define quem

⁶ “*Drag Race* illustrates that drag is much more than a man putting on a dress. Instead, we see a constellation of feminine performances that help us better understand the constructed nature of gender. In this show, the goal is not just for a man to perfect the appearance of a woman; rather, it entails the successful employment of multiple acts or qualities that illustrate femininity” (tradução nossa).

continua para a próxima semana. Dessa última locação, apenas algumas passagens são inseridas no episódio principal, enquanto RuPaul conversa com os jurados. Em desafios que exigem outro tipo de estúdio, como os desafios de fotografia, as queens são levadas para outras locações, dependendo do tema da tarefa.

Quadro 2 – Estrutura em blocos do programa *RuPaul's Drag Race*, dos episódios regulares.

Bloco	Locação	Ação
1	<i>Workroom</i>	Dragos comentam o desafio anterior, a eliminação, participam do <i>mini challenge</i> e recebem instruções para o <i>main challenge</i> .
2	<i>Workroom</i>	Mostra a preparação para o <i>main challenge</i> , sobre as dificuldades e ideias com a produção visual, e recebem dicas de RuPaul.
3	Estúdio ou <i>workroom</i>	Quando o desafio requer gravação em outra locação, externa ou estúdio, são mostradas todas as etapas de produção, a preparação e as falhas nos desafios.
4	<i>Runway</i>	Começa com as drags se montando para a <i>runway</i> e, logo após, o desfile das competidoras exibindo seus visuais e suas produções principais.
5	<i>Runway</i>	As drags recebem os comentários e críticas individuais acerca do <i>main challenge</i> , e também justificam as escolhas e explicam as criações. É escolhida a melhor do episódio.
6	<i>Runway</i>	Mostra a indicação de duas drags, com pior desempenho, para o <i>Lip Sync For Your Life</i> , em que a que melhor dublar uma música recebe a indicação para continuar no programa.

Fonte: compilação do autor.

Edgar (2011) analisa que, na estrutura geral do programa, os gêneros são performatizados pelas drags dependendo do contexto ou ocasião em que elas se encontrem. Ao transmitir os desafios, RuPaul anuncia às competidoras: “*Gentleman, start your engines, and may the best woman win!*” (Cavalheiros, iniciem os seus motores, e que vença a melhor mulher!). Nesse momento, a autora percebe que há um enunciado que organiza os papéis de gêneros específicos para superar as provas de habilidade são sugeridas no episódio em questão. Nesses termos, as performances de feminilidade experimentadas nas drags são visualizadas no palco, ou na *runway*, a partir de onde é possível ter os gêneros como um artifício situacional. A ambiguidade revelada no estar montado/desmontado – que corresponde ao *in drag/out of drag*) reside também no fato de que, mesmo quando estão em suas aparências masculinas, todas as competidoras se tratam pelos nomes de suas personas drag, tanto entre si quanto pela produção do programa, fortalecendo o aspecto profissional daquelas identidades.

Após a transmissão de cada episódio é veiculado o *Untucked*⁷, espécie de subproduto da atração, ambientado em outra locação (*Interior Illusions Lounge*), e que mostra as drag queens após o desfile na *runway*, momento em que as competidoras aguardam a decisão de RuPaul, comentam as críticas dos jurados e desenvolvem discussões diversas umas sobre as outras. No mesmo episódio são mostradas cenas deletadas do episódio na transmissão principal, misturando passagens da *runway* e do *workroom*. Trata-se do momento em que se intensifica o apelo emotivo do programa, quando se potencializam os dramas e se desenvolvem conflitos e tensões entre as participantes. É o instante em que as queens relatam suas experiências íntimas com a homossexualidade e com o mundo do entretenimento, com os relacionamentos afetivos, familiares e profissionais, e onde também elas recebem mensagens de apoio de seus familiares, namorados ou amigos. Na técnica do show, é no

⁷ No dicionário urbano das drag queens, “*tucking and tape*” é a expressão que se usa para disfarçar a genitália masculina através da acomodação (posicionando estrategicamente o pênis para trás e os testículos para cavidades internas), de artifícios mecânicos (calcinhas, fita adesiva e vestimentas especiais), para então obter uma frente plana.

Untucked que se torna possível cativar o público e ampliar ou minimizar a aceitação ou rejeição de alguma participante, aspecto que influencia na votação tanto para o prêmio principal, quanto para a menção à *Miss Congeniality*.

A exibição para o público brasileiro acontece de dois modos. Primeiro, através do canal de televisão por assinatura VH1, que transmitiu até a quarta temporada, com o título traduzido como *RuPaul e a Corrida das Loucas*, e logo depois, através da plataforma *Netflix*, serviço de TV via internet por assinatura que disponibiliza filmes, séries de TV e outras produções originais para assistir *online*. Além das duas possibilidades, algumas páginas na internet organizadas por fãs da atração fornecem *links* para *download* de arquivos de mídia e legendas em português para o público que acompanha o programa, bem como movimentam fóruns e também promovem festas temáticas relacionadas às participantes das temporadas.

As participantes das edições atuaram também em programas *spin-off*⁸ na TV e na internet, da produtora, como é o caso de *RuPaul's Drag U*, formato exibido anualmente entre 2010 e 2012, totalizando três temporadas e 26 episódios. Nesse outro programa, as drags das edições anteriores de *Drag Race* são mentoras, responsáveis por fazer despertar “a diva interior” de mulheres que apresentam queixas na percepção/expressão de sua feminilidade. As queens oferecem sessões de tutoria, onde são discutidos e ilustrados recursos e dicas de maquiagem, indumentária e postura e ao final de cada uma recebe o mérito pela “transformação”. A exibição da quarta temporada de *Drag U*, para o ano de 2013, foi cancelada.

Informações sobre a quarta temporada (2012)

As participantes da temporada são, de acordo com a sequência mostrada na figura 1, da esquerda para a direita, de acordo com seus nomes em persona drag, nomes do intérprete/performer e idade na data de exibição do programa:



Fig. 1 – Imagem promocional das competidoras da quarta temporada de *RuPaul's Drag Race* (2012). Fonte: Pinterest.

The Princess (Adam Biga, 31 anos); Willam (Willam Belli, 29); Kenya Michaels (Omar Olivera Bonilla, 21); Milan (Dwayne Cooper, 36); Chad Michaels (Chad Michaels, 40);

⁸ *Spin-off* é um formato específico de programa, cuja narrativa é derivada de uma obra já existente, concentrando-se apenas em um elemento ou aspecto referencial. Na internet, a *World of Wonder* apresenta uma série de *spin-offs* com participantes do programa *Drag Race*, em formatos de curta direção e veiculados no canal oficial da produtora, na plataforma YouTube.

Dida Ritz (Xavier Hairston, 25); Jiggly Caliente (Paulo Arabejo, 30); Lashawn Beyond (Jamall Jackson, 21); Phi Phi O'hara (Jaremi Carey, 25); Latrice Royale (Timothy Wilcots, 39); Sharon Needles (Aaron Coady, 29); Alisa Summers (Alex Hernandez, 23); e Madame LaQueer (Carlos Melendez, 29).

O corpo jurado constituiu-se por dois jurados regulares – a cantora e apresentadora de televisão Michelle Visage, e o estilista e também apresentador de televisão Santino Rice – e por personalidades convidadas para compor o júri da temporada foram, de acordo com a sequência dos episódios: a atriz Cassandra Peterson (do filme *Elvira, a Rainha das Trevas*), o fotógrafo Mike Ruiz, os jogadores de basquete Rick Fox e John Salley, a atriz e cantora Amber Riley (do seriado *Glee*), a musicista Natalie Cole, a atriz comediante Nicole Sullivan (do programa *MADtv*), o produtor de televisão Max Mutchnick, a atriz Loretta Devine (da série *Boston Public*), o comediante Ross Mathews, a apresentadora de televisão Kelly Osbourne, a atriz Pauley Perrette (da série *NCIS*), a atriz e diretora de TV Regina King, a cantora e compositora Pam Tillis, o produtor musical Lucian Piane, a atriz e modelo Pamela Anderson (da série *Baywatch*), a atriz Jennifer Tilly, o autor, ativista e jornalista Dan Savage (do projeto *It Gets Better Project*), o produtor de marketing Jeffrey Moran (da *Absolut Vodka*), o ator Jesse Tyler Ferguson (da série *Modern Family*), a atriz Jennifer Love Hewitt (do filme *Eu Sei o Que Vocês Fizeram no Verão Passado*), a atriz Rose McGowan (da série *Charmed*) e a cantora Wynonna Judd. Ao lado de RuPaul, os jurados fazem comentários críticos e avaliam o desempenho das participantes nos desafios, dentro dos temas e habilidades do episódio, e julgam a presença e postura na passarela, pela apresentação dos figurinos exibidos no desfile.

Os desafios no *main challenge* do programa, conforme ilustrado no quadro 3, incluem habilidades específicas de criatividade em tarefas de costura, encenação, canto, oratória, comédia, caracterização de outra pessoa em maquiagem e indumentária, dança, imitação de celebridade, e onde se incluem também os desafios menores, *mini challenges*, que testam habilidades de fotogenia, customização de roupas e acessórios, dublagem e de humor. A execução das tarefas, de acordo com o nível do desafio, se deu em equipes ou de modo individual.

Quadro 3 – Lista de episódios e desafios principais na quarta temporada de *RuPaul's Drag Race* (2012).

Epis.	Título do episódio	Veic.	Desafio principal (<i>main challenge</i>)
01	<i>RuPocalypse Now!</i>	30 jan.	Criação, confecção e desfile de peça de figurino.
02	<i>WTF! Wrestling's Trashiest Fighters</i>	06 fev.	Criar uma história e atuar em um clipe de luta livre.
03	<i>Glamazons vs. Champions</i>	13 fev.	Produção e atuação de informativo comercial.
04	<i>Queens Behind Bars</i>	20 fev.	Atuação em episódio de sitcom para TV.
05	<i>Snatch Game</i>	27 fev.	Imitação de celebridade em game de TV.
06	<i>Float Your Boat</i>	05 mar.	Criar, confeccionar e desfilar um barco alegórico.
07	<i>Dragazines</i>	12 mar.	Criar e posar para capa de revista.
08	<i>Frenemies</i>	19 mar.	Número musical em dueto ao vivo.
09	<i>Frock the Vote!</i>	26 mar.	Atuar em debate como candidata em campanha presidencial.
10	<i>DILFs: Dads I'd Like To Frock</i>	02 abr.	Caracterizar um pai convidado como drag para performance.
11	<i>The Fabulous Bitch Ball</i>	09 abr.	Criação, confecção e desfile de 3 peças de figurino.
12	<i>RuPaul Rewind</i>	16 abr.	Retrospectiva com melhores momentos da temporada.
13	<i>The Final Three</i>	23 abr.	Atuação em cenas de videoclipe musical de RuPaul.
14	<i>Reunited</i>	30 abr.	Final do programa, com coroação de drag queen.

Fonte: compilação do autor a partir de dados informados no *Internet Movie Database* (IMDb).

O vídeo final da temporada, gravado pelas três finalistas (Sharon Needles, Chad Michaels e Phi Phi O'hara) foi o videoclipe musical *Glamazon*, faixa de álbum homônimo de RuPaul. No vídeo, as três competidoras são personagens de um jogo de computador e, enquanto gigantes com superpoderes, atravessam a cidade perseguindo e destruindo obstáculos, representados pelas drag queens eliminadas e pelos jurados da atração.

A vencedora, Sharon Needles, venceu os desafios no *main challenge* dos episódios 1, 3, 9 e 11, sendo a competidora da temporada de melhor desempenho. Seu estilo gótico, inspirado nos visuais de *fashion horror* e de *halloween*, foi mostrado desde o início da temporada como motivo de piada para as outras queens, que consideravam a sua aparência limitada. Entretanto, durante os episódios apresentou versatilidade na adaptação de sua personagem aos desafios propostos pelos jurados e por RuPaul. Ao longo da temporada, protagonizou cenas de tensão com a participante Phi Phi O'hara, com quem desenvolveu rivalidade até o último episódio, além de explorar as histórias de seu romance com outra drag, Alaska Thunderfuck, que participaria na próxima temporada da atração, em 2013.

Informações sobre a sexta temporada (2014)

As participantes da temporada são, de acordo com a sequência mostrada na figura 2, da esquerda para a direita, e de cima para baixo, de acordo com seus nomes em persona drag, nomes do intérprete/performer e idade na data de exibição do programa:



Fig. 2 – Imagem promocional das competidoras da sexta temporada de *RuPaul's Drag Race* (2014). Fonte: Pinterest.

Courtney Act (Shane Jenek, 31 anos); Darienne Lake (Greg Meyer, 41); Magnolia Crawford (Reynolds Engelhart, 28); April Carrión (Jason Carrión, 24); Laganja Estranja (Jay Jackson, 24); Milk (Dan Donigan, 25); Kelly Mantle (Kelly Mantle, 37); Gia Gunn (Scotty Ichikawa, 23); Adore Delano (Danny Noriega, 23); Vivacious (Osmond Vivacious, 40); Trinity K. Bonet (Joshua Jones, 22); Bianca Del Rio (Roy Haylock, 37); BenDeLaCreme (Benjamin Putnam, 31); e Joslyn Fox (Patrick Joslyn, 26).

A bancada de jurados constituiu-se, além dos mesmos regulares da quarta temporada, de personalidades convidadas de acordo com a sequência dos episódios, por: o cantor Adam Lambert, o fotógrafo Mike Ruiz, a celebridade televisiva Khloé Kardashian, as atrizes Lena Headey (do filme *300*) e Linda Blair (do filme *O Exorcista*), o produtor musical Lucian Piane, a atriz e cantora Sheryl

Lee Ralph (do musical *Dreamgirls*), a atriz e diretora de TV Gillian Jacobs, a atriz comediante Heather McDonald (da série *Chelsea Lately*), as *rappers* Eve e Trina, as atrizes Leah Remini e Lainie Kazan, o escritor e comediante Bruce Vilanch, a atriz Jaime Pressly (da série *My Name Is Earl*), o escritor e ativista Chaz Bono, a cantora e atriz Georgia Holt, a cantora Paula Abdul, o ator Neil Patrick Harris (do filme *Hedwig and the Angry Inch*), o ator David Burtka (da série *How I Met Your Mother*) e o estilista Bob Mackie. Comparando o corpo jurado com o da quarta temporada verificam-se algumas características em comum, das quais podem ser citadas: a presença constante de profissionais da televisão, como atores e apresentadores, de profissionais relacionados à música, à publicidade, como fotógrafos e produtores de marketing, e ativistas. A avaliação positiva ou negativa de cada convidado funciona como uma espécie de selo, que cada jurado elabora a respeito das condições apresentadas pelas competidoras para atuação naquela área específica de mercado. Desse modo, a projeção que o programa molda sobre a imagem das drag queens visa expandir sua visibilidade para além dos guetos e do circuito de eventos e espetáculos direcionados ao segmento LGBT. Em *RuPaul's Drag Race*, as participantes destacam sua atuação profissional para outros espaços, priorizando o universo artístico e as plataformas midiáticas.

Os desafios no *main challenge* do programa, conforme ilustrado no quadro 4, incluem habilidades específicas de criatividade em tarefas de costura, encenação, canto, oratória, comédia, maquiagem, dança, imitação de celebridade, e onde se incluem também os desafios menores, *mini challenges*, que testam habilidades de fotogenia, customização de roupas e acessórios, dublagem e de humor, além de pequenos jogos de memória. A execução das tarefas, de acordo com o nível do desafio, se deu em equipes ou de modo individual.

Quadro 4 – Lista de episódios e desafios principais na sexta temporada de *RuPaul's Drag Race* (2014).

Epis.	Título do episódio	Veic.	Desafio principal
01	<i>RuPaul's Big Opening</i>	24 fev.	Criação, confecção e desfile de peça de figurino.
02	<i>RuPaul's Big Opening Part 2</i>	03 mar.	Criação, confecção e desfile de peça de figurino.
03	<i>Scream Queens</i>	10 mar.	Interpretação de personagem em peça de filme.
04	<i>Shade: The Rusical</i>	17 mar.	Performance de canto em peça musical ao vivo.
05	<i>Snatch Game</i>	24 mar.	Imitação de celebridade em game de TV.
06	<i>Oh No She Betta Don't!</i>	31 mar.	Performance de canto em peça de videoclipe musical.
07	<i>Glamazon by Colorevolution</i>	07 abr.	Gravação de comercial para linha de cosméticos.
08	<i>Drag Queens of Comedy</i>	07 abr.	Performance de comédia stand-up ao vivo e com plateia.
09	<i>Drag Queens of Talk</i>	14 abr.	Atuação como entrevistadora em programa de TV.
10	<i>Drag My Wedding</i>	21 abr.	Caracterização de convidados masculinos em drag.
11	<i>Glitter Ball</i>	28 abr.	Criação, confecção e desfile de 3 peças de figurino.
12	<i>Sissy That Walk!</i>	05 maio	Atuação em cenas de videoclipe musical de RuPaul.
13	<i>Countdown To The Crown</i>	12 maio	Retrospectiva com melhores momentos da temporada.
14	<i>The Finale</i>	19 maio	Final do programa, com coroação de drag queen.

Fonte: compilação do autor a partir de dados informados no *Internet Movie Database* (IMDb).

Durante a exibição da temporada, foram lançados comercialmente o álbum musical *RuPaul Present: The Covergurlz*, composto por canções de RuPaul interpretadas pelas drags da temporada, que também se reuniram durante o episódio 6 para performar a faixa musical *Oh No She Better Don't*, assinada em parceria com o DJ ShyBoy. O vídeo final da temporada, gravado pelas três finalistas (Bianca Del Rio, Adore Delano e Courtney Act), com participação de Darienne Lake, a última

eliminada antes do episódio final, foi o videoclipe musical *Sissy That Walk*, faixa do álbum *Born Naked*, de RuPaul. Na narrativa do vídeo as competidoras apresentam coreografias individuais para a música, em um cenário marcado pelas cores cinza, roxo e preto.

A vencedora, Bianca Del Rio, venceu os desafios no *main challenge* dos episódios 2, 8 e 10, igualando-se à segunda colocada Adore Delano no desempenho da temporada, porém com a vantagem de nunca ter ficado entre as piores de algum episódio. Seu estilo cômico, inspirado nos visuais de *clown*, de humor ácido e maquiagem fortemente marcada, foi reforçado no início da temporada como uma imagem antipática em relação às outras queens, mas no decorrer da temporada foi amenizado. Sua versatilidade e preparação para atuações diversas a deixaram sempre entre as melhores competidoras em quase todos os desafios. Entretanto, em termos de conflitos, a rivalidade entre competidoras ficou visível entre outros grupos, como Laganja Estranja e Adore Delano, mostradas como amigas pessoais que se desentenderam por conta da competição, e nas disputas internas entre Darienne Lake e BenDeLaCreme. Outra disputa que permaneceu até o final da temporada consiste na presença de Adore Delano e de Courtney Act, ambas ex-participantes de *reality shows* musicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme explicitado anteriormente logo no início do artigo, o texto proporciona a discussão em nível exploratório acerca dos principais elementos que articulam gênero e outros marcadores como classe, gênero e etnia a partir do programa de televisão *RuPaul's Drag Race*, veiculado pela Logo TV norte-americana. Em meio a diversas referências estéticas, ideológicas e culturais apresentadas nos meios de comunicação, priorizando apenas um enfoque nas representações narrativas sobre drag queens, o show idealizado e apresentado por RuPaul inclui possibilidades de apresentar outros contextos sobre as experiências desses personagens, inclusive para audiências mais amplas, explorando aspectos profissionais e de personalidade.

A partir da relação com convidados que participam na condição de jurados do programa, advindos de diversas áreas do entretenimento, o *Drag Race* legitima a posição das drag queens como profissionais da mídia e do entretenimento, explorando o “além dos guetos”, e assim atribuindo novos olhares sobre sujeitos marginalizados em sociedade. Atesta o prestígio e contribui para alimentar a aura artística desses personagens.

Além desses aspectos, o programa de RuPaul amplia a visibilidade sobre a natureza construída dos gêneros nas culturas, que de forma performativa e situacional denunciam a falsidade das essências que se notam inerentes ao corpo sexuado. Das feminilidades e masculinidades reveladas nas variadas situações do programa, as competidoras validam o multiculturalismo presente nas pluralidades de expressão acerca das experiências possíveis como drag queen. E, por se tratar de um produto de sucesso na televisão de entretenimento, é de se aguardar que outras emissoras e produtores adotem ou incorporem esse modelo em suas programações, o que representa a interessante proposta de conhecer os marcadores que atuam na produção das categorias e identificações de gênero em contextos locais.



REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DAEMS, Jim. RuPaul's ambivalent appropriation of pop culture. In: _____. (Ed.). **The makeup of RuPaul's Drag Race**: essays on the queen of reality shows. North Carolina: McFarland, 2014, p. 3-11.
- EDGAR, Eir-Anne. "Xtravaganza!": drag representation and articulation in "RuPaul's Drag Race". **Studies in popular culture**, Louisville, v. 34, n. 1, p. 133-46, fall 2011.
- LOURO, Guacira. Cinema e sexualidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 81-98, jan./jun. 2008.
- NEWTON, Esther. **Mother camp**: female impersonators in America. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1979.
- RUPAUL. "Ser drag queen é um ato político", afirma RuPaul. Entrevista concedida a Pedro Diniz. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 dez. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1391519-ser-drag-queen-hoje-e-um-ato-politico-afirma-ru-paul.shtml>>. Acesso em 22 jan. 2015.
- SANTOS, Joseylson Fagner dos. **Femininos de montar**: uma etnografia sobre experiências de gênero entre drag queens. 2012. 237 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2012.
- TAYLOR, Verta & RUPP, Leila J. Chicks with Dicks, Men in Dresses: What it means to be a drag queen. In: SCHACHT, Steven P.; UNDERWOOD, Lisa (Org.). **The drag queen anthology**: the absolutely fabulous but flawless customary world of female impersonators. Binghamton, NY: Harrington Park Press, 2004, p. 113-33.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- VENCATO, Anna Paula. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. **Cad. AEL**, Campinas, v. 10, n. 18-19, p. 187-215, 2003.

FILMES MENCIONADOS

- DE SALTO alto (*Tacones Lejanos*). Direção de Pedro Almodóvar. Espanha, 1991, 112 min.
- ELVIS & Madona. Direção de Marcelo Laffitte. Brasil, 2010, 105 min.
- MADAME Satã. Direção de Karim Aïnouz. Brasil, 2002, 105 min.
- MÁ educação (*La mala educación*). Direção de Pedro Almodóvar. Espanha, 2004, 106 min.
- PAGEANT. Direção de Ron Davis, Stewart Halpern-Fingerhut. Estados Unidos, 2008, 85 min.
- PARA WONG Foo, Obrigada por Tudo! Julie Newmar. (*To Wong Foo Thanks for Everything, Julie Newmar*). Direção de Beeban Kidron. Estados Unidos, 1995, 109 min.
- PARIS is burning. Direção de Jennie Livingston. Estados Unidos, 1990, 71 min.
- PINK *Flamingos*. Direção de John Waters. Estados Unidos, 1972, 93 min.
- PRISCILLA, a rainha do deserto (*The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert*). Direção de Stephan Elliott. Estados Unidos, 1994, 103 min.
- THE BIRDCAGE – a gaiola das loucas. (*The Birdcage*). Direção de Mike Nichols. Estados Unidos, 1996, 117 min.
- TOOTSIE. Direção de Sydney Pollack. Estados Unidos, 1982, 119 min.
- UMA BABÁ quase perfeita (*Mrs. Doubtfire*). Direção de Chris Columbus. Estados Unidos, 1993, 125 min.
- WIGSTOCK: the movie. Direção de Barry Shils. Alemanha; Estados Unidos, 1995, 85 min.